
**A DAMA DAS CAMÉLIAS DESEMBARCA NO RIO DE JANEIRO:
ENCENAÇÕES E RECEPÇÃO CRÍTICA (1856-1860)**

*The Lady of the Camellias Disembarks in Rio de Janeiro: Stagings and
Critical Reception (1856-1860)*

Bruna Grasiela da Silva Rondinelli¹

RESUMO: Este artigo reconstitui as encenações e a recepção crítica, no Rio de Janeiro, do drama *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho, a partir da análise de anúncios de espetáculos e de textos críticos publicados pela imprensa entre os anos de 1856 e 1860. Utilizando a perspectiva metodológica da História Cultural dos impressos e da arte do espetáculo, traçamos a trajetória de *A Dama das Camélias* na Corte brasileira: primeiramente, apresentamos a publicação da tradução do romance, em 1853, por *O Jornal das Senhoras*; depois, a montagem do drama no palco do Teatro Ginásio Dramático, em fevereiro de 1856. Por fim, discutimos como a peça de Dumas Filho foi analisada pelos críticos teatrais do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: *A Dama das Camélias*; Recepção Crítica; Crítica Teatral; Imprensa.

RÉSUMÉ: Cet article reconstitue les mises en scène et la réception critique, à Rio de Janeiro, du drame *La Dame aux Camélias*, d'Alexandre Dumas Fils, à partir de l'analyse d'annonces de spectacles et de textes critiques publiés par la presse entre 1856 et 1860. En utilisant comme abordage méthodologique l'Histoire Culturelle des imprimés et de l'art du spectacle, nous traçons la trajectoire de *La Dame aux Camélias* à la Cour brésilienne: premièrement, nous présentons la publication de la traduction du roman, en 1853, par *O Jornal das Senhoras*; puis, la mise en scène du drame au *Teatro Ginásio Dramático*. Finalement, nous examinons la manière selon laquelle les critiques théâtrales à Rio de Janeiro ont analysé la pièce de Dumas Fils.

MOTS-CLÉS: *La Dame aux Camélias*; Réception Critique; Critique Théâtrale; Presse.

INTRODUÇÃO

O romance *La Dame aux Camélias*, de Alexandre Dumas Filho, editado em Paris, originalmente, em 1848, – e cuja história, segundo o autor, teria sido inspirada em sua relação amorosa com a cortesã Marie Duplessis –, conheceu, ainda no século XIX, diversas adaptações artísticas. Dumas Filho fez de seu romance um drama, que estreou em 2 de fevereiro de 1852 no *Théâtre du Vaudeville*, em Paris, tendo como protagonista a atriz Eugénie Doche, a primeira intérprete de Marguerite Gautier nos palcos. Em 1853,

¹ Doutoranda na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), bolsista da FAPESP.

Giuseppe Verdi estreou no teatro *La Fenice*, em Veneza, a ópera *La Traviata*, cujo libreto, assinado por Francesco Maria Piave, foi baseado no romance do autor francês. A partir do século XX, a história de Marguerite Gautier foi pinçada do romance para o cinema, produzindo várias adaptações.

A grande diversidade de adaptações artísticas que essa emblemática obra literária inspirou, ao longo de mais de 160 anos, é um tema que desperta nossa curiosidade. Contudo, a abordagem e os objetivos deste artigo são outros: reconstituir as encenações e a recepção crítica do drama *A Dama das Camélias*, na Corte brasileira, a partir de anúncios de espetáculos e textos críticos publicados pela imprensa fluminense, entre os anos de 1856 e 1860. O recorte temporal inicia-se com a estreia da peça no Teatro Ginásio Dramático, em fevereiro de 1856, e finda com a crítica teatral publicada por Machado de Assis no periódico *O Espelho*, em 8 de janeiro de 1860.

A TRAJETÓRIA DE *A DAMA DAS CAMÉLIAS* NO RIO DE JANEIRO

O público do Rio de Janeiro entrou em contato com a história de Marguerite Gautier a partir do romance de Dumas Filho, traduzido e publicado pelo periódico semanal *O Jornal das Senhoras*,² entre julho e agosto de 1853. No entanto, os requerimentos de avaliação censória do Conservatório Dramático Brasileiro, depositados na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, indicam que a trajetória de *A Dama das Camélias*, na Corte brasileira, poderia ter sido outra. Em primeiro de julho de 1852, Luís Garcia Soares de Bivar submeteu a sua tradução do drama *A Dama das Camélias* para a avaliação censória do Conservatório Dramático, em requerimento endereçado a Diogo Soares da Silva de Bivar, presidente da instituição censorsa e seu pai. De acordo com o trecho de uma crônica publicada por *O Jornal das Senhoras*, – que tinha como redatora chefe Violante Atalipa Ximenes de Bivar, também filha de Diogo de Bivar –, a tradução seria encenada pela companhia de João Caetano dos Santos no Teatro de São Pedro de Alcântara.

Além do drama apontado tem o João Caetano outros de grande mérito para fazer representar no seu novo Templo das Artes, os quais são os seguintes:

Cobé, produção do Sr. Dr. J. M. de Macedo.

2 *O Jornal das Senhoras*, periódico semanal editado entre 1852 e 1855, era redigido por mulheres e destinado ao público leitor feminino. Publicava artigos de moda, críticas teatrais e literárias, romances e partituras de piano.

*Falkland ou a Consciência, O Barbeiro do Rei de Aragão, Margarida Gautier ou a Dama das Camélias, A Intriga e Amor,*³ traduzidos estes pelo Sr. Luís de Bivar, e nos quais representa o exímio artista. À vista portanto do exposto posso assegurar-vos que belas noites teremos de passar no Teatro de S. Pedro [...]. (*O Jornal das Senhoras*, 25 jul. 1852, p. 32)

João Caetano não montou *A Dama das Camélias*, traduzida por Luís de Bivar. Se pensarmos no interesse do ator em encenar papéis de destaque, a exemplo dos heróis românticos, como nos revelou Décio de Almeida Prado (1972, p. 35-52), João Caetano não quis ser o coadjuvante em uma peça cuja cena é tomada por uma protagonista feminina. No entanto, é interessante constatar a rapidez com que o texto de *A Dama das Camélias* chegou ao Rio de Janeiro, tendo obtido uma tradução para o português em apenas cinco meses após a sua estreia em Paris. Muito provavelmente, Luís de Bivar obteve o texto a partir de sua publicação na coleção teatral parisiense *Le Magasin Théâtral Illustré*, impressa em 1852.

Enfim, não foi pelos palcos que a história de Marguerite Gautier chegou ao conhecimento dos fluminenses. A publicação seriada do romance de Dumas Filho, por *O Jornal das Senhoras*, teve início em 3 de julho de 1853. A tradução oferecida não foi totalmente fiel à versão original do romance, como podemos constatar na nota introdutória de Gervásia Neves, redatora chefe de *O Jornal das Senhoras*, que antecedia a publicação do primeiro capítulo: o tradutor fez supressões de trechos da obra para torná-la moralmente adequada às leitoras do jornal.

Encetamos hoje a publicação do romance do Sr. Dumas Filho, intitulado *A Dama das Camélias*. Por vezes trepidamos em dar publicidade a este romance na língua vernácula, porque, sendo a obra escrita *dissolutamente*, nos pareceu que a sua versão transgrediria os preceitos que nós temos imposto na escolha dos artigos, que saem a lume neste jornal mas, tendo a pessoa que nos ofereceu a presente versão feito habilmente alguns cortes e supressões nele, nós resolvemos admiti-lo assim nas colunas do *Jornal das Senhoras*. Concluímos agradecendo ao tradutor incógnito o valioso presente que nos fez, e

3 *Falkland ou la Conscience* (1798), drama em cinco atos escrito pelo francês Jean-Louis Laya (1761-1833); *Le Barbier du Roi d'Aragon* (1836), drama em três atos de Louis-Marie Fontan (1801-1839), Jean-Joseph Ader (1796-1859), Charles Désiré Dupeuty (1798-1865) e Alexandre Piccinni (1779-1850); *L'Intrigue et L'Amour* (1826), drama em cinco atos de Alexandre-Jean-Joseph de La Ville de Mirmont (1783-1845).

recomendando a todos a leitura desta história verdadeira e contemporânea, cuja versão se não é servil, se não traduz palavra por palavra, dificilmente se encontrará no original uma ideia, um pensamento, que no português não tenham a frase equivalente. (NEVES, *O Jornal das Senhoras*, 3 jul. 1853, p. 210-211)

A publicação seriada não chegou ao final do romance. Em agosto de 1853, Gervásia Neves informou que “um incidente, que não podemos remediar prontamente, inutilizou os originais do segundo volume do romance *A Dama das Camélias*, e nos priva por ora de publicarmos a continuação deste romance” (*O Jornal das Senhoras*, 21 ag. 1853, p. 266). A redatora prometeu que daria prosseguimento à publicação, mas não foi o que ocorreu. Acreditamos que a primeira edição parisiense do romance, de 1848, foi a fonte utilizada pelo tradutor a serviço de *O Jornal das Senhoras*, já que há coincidência nas divisões dos capítulos: o periódico de Gervásia Neves publicou os 12 capítulos do volume I da primeira edição.

No ano seguinte após a publicação do romance por *O Jornal das Senhoras*, uma nota na primeira página do jornal *Diário do Rio de Janeiro* mencionou que o drama *A Dama das Camélias* havia sido bem recebido no Teatro do Rossio, em Lisboa. A notícia integrou um trecho do texto do correspondente do *Diário* em Portugal.

A Dama das Camélias agradou muito no teatro do Rossio, e há quem prefira a nossa Emília à francesa Desgranges na execução do difícil papel de Margarida Gautier. Eu achei o *ensemble* inferior ao teatro francês, mas algumas partes foram mais bem executadas no nosso teatro. O incansável escritor Mendes Leal está escrevendo um drama do gênero da *Dame aux Camélias* e das *Filles de Marbre*, que é hoje a moda; intitula-se: *Os Homens de Mármore*. (*Diário do Rio de Janeiro*, 20 abr. 1854, p. 1)

Em 1855, *A Dama das Camélias* não havia ainda estreado nos palcos do Rio de Janeiro, mas a peça já era assunto abordado pelo correspondente, em Paris, do *Correio Mercantil*. Em sua correspondência, publicada pelo jornal fluminense em 12 de maio de 1855, ele redigiu um parágrafo sobre *A Dama das Camélias*. Sua interpretação do drama se ancorou no fato de que a história ficcionalizada por Dumas Filho teria se baseado em uma história real. De fato, o crítico francês Jules Janin já havia declarado, no prefácio da edição do romance de 1852, que se tratava da história de Marie Duplessis, uma cortesã que Dumas Filho conhecera em

Paris. O crítico do *Correio Mercantil*, após dizer ter lido um artigo de Dumas Pai no periódico *Le Mousquetaire*, apresentou um julgamento moral do comportamento de pai e filho em relação a Marie Duplessis.

Dumas Pai, a propósito desta peça, deu no seu jornal, *O Mosqueteiro*, mais singular espetáculo – o de um pai referindo as visitas que fez às amásias de seu filho, e pondo o público todo na confidência da sem-cerimônia com que pai e filho frequentam as casas de suas raparigas. Isto pinta bem a desmoralização de alguns espíritos agora, mormente quando se considera que ninguém acha repreensivo esse fato! (*Correio Mercantil*, 12 maio 1855, p. 1)

O texto de Dumas Pai, referido pelo correspondente do *Correio Mercantil*, é uma *causerie* publicada em primeiro de abril de 1855 na revista *Le Mousquetaire*, na qual o autor francês narrou como conheceu Marie Duplessis, amante de seu filho. Ao dizer aos leitores e espectadores que se tratava de uma história verídica, Dumas Pai, contribuiu certamente para a publicidade do drama de Dumas Filho.

Em dezembro de 1855, a ópera verdiana *La Traviata* estreou no Teatro Lírico Fluminense. Os anúncios que divulgaram os preparativos para a estreia relacionaram a ópera ao enredo do drama *A Dama das Camélias*:

Entrou também em ensaios a ópera *Traviata* ou a Dama das Camélias, moderna composição do maestro Verdi, para o dia 11 ou 13 de dezembro. A música desta ópera é inteiramente original, o maestro afastou-se do seu gênero até mesmo quanto à instrumentação: quem conhece o drama *A Dama das Camélias*, escrito por Alexandre Dumas Filho, avaliará a importância do papel confiado a Mme Charton, no qual uma grande atriz, independente da música, pode tirar o maior partido. (*CORREIO Mercantil*, 23 nov. 1855, p. 1)

Ao que tudo indica, a boa recepção de *La Traviata* motivou a montagem do drama *A Dama das Camélias*, pois, em dezembro de 1855, uma série de anúncios, publicados pelo *Diário do Rio de Janeiro* e *Correio Mercantil*, mencionaram que o drama de Dumas Filho estava sendo ensaiado e logo subiria ao palco.

Ensaia-se no Ginásio para subir à cena, em princípios de janeiro, o drama de Alexandre Dumas Filho: *A Dama das Camélias*. A Sra. D. Gabriela está encarregada da parte de

protagonista. Mme Charton acaba de criar no Teatro Lírico com grande aplauso o mesmo papel na *Traviata*, cujo assunto é também tirado do drama de Dumas. (*CORREIO Mercantil*, 20 dez. 1855, p. 1)

No entanto, o adoecimento da atriz Gabriela da Cunha⁴ atrasou a estreia da peça, como divulgou uma nota na primeira página do *Diário do Rio de Janeiro*, em 30 de dezembro de 1855: “Os ensaios do drama *A Dama das Camélias* foram demorados em consequência da grave moléstia da Sra. Gabriela, que por ora não se pode entregar a grandes trabalhos, como o papel de que está encarregada” (*Diário do Rio de Janeiro*, 30 dez. 1855, p. 1). O drama subiu ao palco do Teatro Ginásio Dramático em 7 de fevereiro de 1856, obtendo dez exhibições apenas nesse mês.⁵ Como indicaram os anúncios teatrais, a tradução do texto foi realizada por J. J. Vieira Souto.

Entre o momento que antecedeu a estreia, em dezembro de 1855, e ao longo do mês de fevereiro de 1856, várias notas publicadas na imprensa fizeram publicidade ao drama, relacionando-o à ópera de Verdi e convidando os espectadores para verem a nova peça no palco do Teatro Ginásio Dramático:

Representa-se hoje no Teatro do Ginásio Dramático pela terceira vez *A Dama das Camélias*. O lindo teatrinho deve estar brilhante esta noite, porque nenhuma das nossas elegantes senhoras que apreciaram no Teatro Lírico a *Traviata* deixará de certo de ir ver a sua irmã gêmea, *A Dama das Camélias*. (*Diário do Rio de Janeiro*, 10 fev. 1856, p. 1).

Representou-se anteontem no Teatro do Ginásio *A Dama das Camélias*, drama de Alexandre Dumas Filho, que deu assunto a *Traviata*. Dizem-nos que a Sra. Gabriela esteve num dos seus bons dias; foi naquela noite a *Charton* do Teatro do Ginásio. O que falta agora é que o Sr. A. Cisson, hábil litógrafo, que já nos tem dado uma galeria completa de artistas, ofereça ao público um retrato da Gabriela, tão lindo e tão bem trabalhado como o da Violeta do Teatro Lírico. (*Diário do Rio de Janeiro*, 9 fev. 1856, p. 1)

4 Gabriela da Cunha (1821-1882), filha da atriz Gertrudes Angélica da Cunha, nasceu no Porto e estreou no teatro aos 14 anos de idade. Veio para o Rio de Janeiro em 1837, e trabalhou nos teatros de São Januário, São Pedro de Alcântara e Ginásio Dramático.

5 Fizemos o levantamento do número de exhibições de *A Dama das Camélias* a partir dos anúncios teatrais publicados pelos jornais *Correio Mercantil*, *Diário do Rio de Janeiro* e *Jornal do Commercio*.

O retrato de Gabriela da Cunha veio à luz poucos dias após a estreia de *A Dama das Camélias*, sendo vendido separadamente ou incluso nos folhetos que traziam *couplets* da peça. Isso demonstra que a atriz fez sucesso com a sua interpretação de Marguerite Gautier, motivando a publicação de impressos que atendiam aos anseios de admiradores do drama e da beleza da atriz. Por outro lado, revela também como a peça foi montada no Teatro Ginásio Dramático, com canções e polcas:

A DAMA DAS CAMÉLIAS.

Ao prazer. *Canção* cantada neste drama, ornada com o *retrato* da Sra. D. Gabriela, música do Sr. Demétrio Rivera, 1 \$ para canto e piano.

GABRIELA, *polca muito bonita*, dançada no mesmo drama, também com *retrato*, música do Sr. Rivera, 500 rs. para piano.

Retratos, em papel da China, da Sra. D. Gabriela De Vecchy.

A Dama das Camélias, quadrilha sobre a *Traviata*, pelo Sr. Castagnieri, 1 \$. A imprensa de música dos sucessores de P. Laforge, 60, Rua dos Ourives. (*CORREIO Mercantil*, 18 fev. 1856, p. 4)

Um comunicado publicado pelo *Correio Mercantil*, em 14 de julho de 1857, informava que Gabriela da Cunha partiria para o Rio Grande do Sul para cuidar de sua saúde. A atriz Adelaide Amaral⁶ assumiu, então, o papel de Marguerite Gautier nas exibições do drama no Teatro Ginásio Dramático. As atuações das duas atrizes foram avaliadas pelo pseudônimo Ipso, na seção “Comunicações” do *Diário do Rio de Janeiro*, um espaço do periódico dedicado à publicação de textos de leitores. Em seu artigo, Ipso interpretou o drama *A Dama das Camélias* e avaliou o desempenho da atriz Adelaide Amaral na chave romântica, que considera o artista um gênio e valoriza uma sensibilidade de sentimentos exacerbados. Para Ipso, a peça e a atuação de Adelaide Amaral transmitiram sentimentos aos espectadores. Dumas Filho foi considerado um gênio, pois em sua peça havia “lances dramáticos de excelente efeito”. Ipso resumiu os acontecimentos do último ato da peça e afirmou que “Adelaide compreendeu bem estas situações e derramou nelas um colorido tão saliente que enlaçou o sentir dos espectadores.” (*Diário do Rio de Janeiro*, 29 mar. 1857, p. 2).

6 Adelaide Amaral (1834-1899) nasceu na cidade de Ponta Delgada, em Portugal. Foi bailarina do Teatro de São João, no Porto, e atriz do Teatro do Salitre, em Lisboa. Em 1849, veio para o Rio de Janeiro, onde trabalhou por muitos anos como atriz.

O público fluminense também viu nos palcos uma intérprete francesa de Marguerite Gautier. No segundo semestre de 1856, uma companhia dramática francesa aportou no Rio de Janeiro e, em 4 de outubro do mesmo ano, representou *La Dame aux Camélias* no Teatro de São Januário, tendo a atriz Mme. Daloca desempenhado o papel principal. O imigrante francês Antoine Adolphe Hubert, redator chefe e crítico teatral do periódico *Courrier du Brésil*,⁷ avaliou o drama e a sua encenação pela companhia francesa. Para o crítico francês, a obra de Dumas Filho veiculava uma moral incerta aos jovens, pais e mulheres.

[...] o autor não tinha nenhum objetivo, e sua moral é, afinal, uma moral incerta. [...] Nesta obra, a moral, para os jovens, é sonhar com um amor que é apenas uma loucura, um fanatismo de sentimento, fazendo duas vítimas no lugar de uma; a moral para os pais, os leva a representar um papel inútil e cruel em uma circunstância desastrosa [...]; a moral para as mulheres as faz desdenhar a virtude, na esperança de encontrar um amor que as absolverá, já que elas não são todas tísicas; e enfim a moral pública se traduz pelas palavras cínicas de Margarida Gautier: *Eu vivi do amor, eu morro pelo amor.* (*Courrier du Brésil*, 9 nov. 1856, p. 6)⁸

A RECEPÇÃO CRÍTICA DE A DAMA DAS CAMÉLIAS NA IMPRENSA DO RIO DE JANEIRO

O aparecimento da crítica teatral na imprensa europeia remonta ao início do século XVIII. Segundo Jean Sgard (1990, p. 253), *Le Spectateur Français* (1721-1724), de Pierre de Marivaux, publicava, em Paris, dentre os comentários morais, sociais e literários, avaliações de obras teatrais. A partir do século XIX, os periódicos cotidianos parisienses passaram a reservar um espaço para a crítica teatral, que se especializava cada vez mais, separando-se

7 Segundo Letícia Gregório Canelas (2009, p. 298), Adolphe Hubert chegou ao Rio de Janeiro em 1852. Dois anos depois, fundou o *Courrier du Brésil, Politique, Littérature, Revue des Théâtres*, uma revista publicada em língua francesa, aos domingos, entre 1854 e 1862.

8 No original: “[...] l’auteur n’avait aucun but, et sa morale n’est après tout qu’une morale d’incertitude. [...] Dans cette œuvre, la morale, pour les jeunes gens, c’est de rêver un amour qui n’est qu’une folle, un fanatisme de sentiment, faisant deux victimes au lieu d’une; la morale pour les pères, les pousse à jouer un rôle inutile et cruel dans une circonstance désastreuse [...]; la morale pour les femmes leur fait dédaigner la vertu, dans l’espoir de trouver un amour qui les absoudra, car elles ne sont pas toutes poitrinaires; et enfin la morale publique se traduit par ces paroles cyniques de Marguerite Gautier: *J’ai vécu de l’amour, je meurs par l’amour.*”

da crítica geral sobre os costumes. De acordo com Olivier Bara (2008, p. 163), o formato do folhetim dramático, publicado semanalmente nos rodapés das duas primeiras páginas dos jornais, surgiu no *Journal des Débats*, em 1800, sob a pena do crítico Julien-Louis Geoffroy. O folhetim se constituía em duas partes: na primeira, a mais longa, apresentava-se um resumo da peça, o seu tema, as personagens e a intriga; em seguida, o folhetinista exercitava o seu espírito crítico, julgando a peça, os atores e a montagem. A partir do final da década de 1830, outros críticos se destacaram como folhetinistas dramáticos: Théophile Gautier, no periódico *La Presse*; Jules Janin, em *Le Journal des Débats*, e Ch. Matharel de Fiennes, em *Le Siècle*.

No Rio de Janeiro, no início do século XIX, o periódico *Gazeta do Rio de Janeiro*, produzido pela Impressão Régia, apresentava curtas narrativas dos espetáculos oferecidos pelo recém-criado Teatro Real de São João, principalmente os que contavam com a presença da Família Real. A partir da década de 1840, com o aumento do número de impressos no Rio de Janeiro, a crítica teatral se multiplicou nos periódicos, acompanhando diretamente o desenvolvimento da atividade teatral, tendo em vista a criação de novos teatros, a expansão do repertório, a estreia de peças de autores brasileiros e a importação de companhias dramáticas estrangeiras. Os textos críticos apareciam em rubricas literárias e de variedades, na primeira ou segunda página do periódico, e nos rodapés das duas páginas iniciais, seguindo, neste caso, o modelo do folhetim dramático dos jornais de Paris. Embora ainda não produzissem uma crítica teatral sistemática, os folhetinistas divulgavam suas impressões e opiniões sobre as peças encenadas nos teatros da capital do Império.

A estreia de uma peça inédita não passava despercebida pela pena dos críticos fluminenses. Não foi diferente quando *A Dama das Camélias* subiu ao palco do Teatro Ginásio Dramático, motivando a manifestação crítica nos periódicos de vários homens de letras. Em seu estudo precursor do repertório realista do Teatro Ginásio Dramático, João Roberto Faria (1993, p. 82-84) apresentou algumas críticas publicadas pelos periódicos do Rio de Janeiro no momento da estreia do drama de Dumas Filho. Repassamos por esses textos críticos, repensando-os além da questão da ruptura que o Teatro Ginásio Dramático teria trazido ao panorama da atividade teatral, na tentativa de relacioná-los com a trajetória que *A Dama das Camélias* obteve no Rio de Janeiro, com o espaço que a crítica teatral recebia na imprensa do período e com os critérios de avaliação adotados pelos críticos. Ademais, complementamos o levantamento com outros artigos recolhidos nos periódicos ao longo do ano de 1856.

A primeira crítica ao drama *A Dama das Camélias*, assinada por Sousa Ferreira, foi divulgada pelo *Diário do Rio de Janeiro* em 7 de fevereiro de 1856, data de estreia da peça no Teatro Ginásio Dramático. O texto foi

publicado na coluna “Folhas Soltas”, cujo conteúdo variava entre temas de política, ciência e literatura. O crítico apresentou um breve resumo da intriga da peça e avaliou as personagens principais, informações que, obrigatoriamente, constavam nos folhetins dramáticos da época. Armand Duval foi definido como “um coração jovem e apaixonado”, ao passo que Marguerite Gautier foi comparada a Maria Madalena. Sousa Ferreira associou a história bíblica da pecadora perdoada por Cristo à trajetória da Dama das Camélias, uma prostituta regenerada pelo cristianismo. As palavras finais da bondosa e virtuosa Nichette, a qual, segundo Gérard Gengembre (1999, p. 216), seria a voz moral do drama, permitem a comparação com Maria Madalena, já que, em sua fala, a personagem revela que a cortesã seria perdoada: “NICHETTE, *ajoelhada*: – Durma em paz, Margarida! Muito te será perdoado, porque muito amaste” (DUMAS FILS, 1852, p. 16).⁹

Sousa Ferreira interpretou a peça na chave da sensibilidade romântica, ao considerá-la uma obra de grande expressão e força de sentimentos, tecida por um mestre, um espírito, uma alma poética. Por outro lado, não deixou de notar que a peça se diferenciava dos dramas que, até então, eram encenados nos palcos do Rio de Janeiro. Por isso, afirmou que o crítico severo analisaria negativamente a falta dos efeitos dramáticos, que eram tão importantes nos dramas e melodramas românticos.

Talvez o crítico severo analisando essa obra encontre alguns pontos dignos de suas observações: pouca vivacidade no diálogo, frouxidão de algumas cenas e ausência de efeitos. Aquele porém que desejar ver um drama íntimo, palpitante de verdade, a fiel reprodução desses combates que travam nos fundos da alma as paixões ardentes e reprimidas, um estudo perfeito do coração [...]. (*Diário do Rio de Janeiro*, 7 fev. 1856, p. 2)

O critério de avaliação principal adotado por Sousa Ferreira foi a moral. Para o crítico, uma das qualidades do drama estava na lição moral que este apresentava, ensinando às jovens mulheres e aos moços o caminho para a manutenção de valores familiares.

A Dama das Camélias é uma severa lição de moral, que nos deixa ver sob as rosas do vício os agudos espinhos que dilaceram a alma criminoso, que nos mostra a felicidade fugindo a essas que não ouvem a voz da virtude; a miséria e a

9 No original: “NICHETTE, *qui est agenouillée*: – Dors en paix, Marguerite! Il te sera beaucoup pardonné, parce que tu as beaucoup aimé.”

infâmia afogando nos braços a quem se desvia do caminho da honra. (*Diário do Rio de Janeiro*, 7 fev. 1856, p. 2)

A verossimilhança, concebida como atendimento à vida real, foi outro critério empregado por Sousa Ferreira para avaliar a peça, cujo valor estaria na pintura de uma história proveniente de fatos reais vividos pelo próprio escritor.

[...] o que é mais verossímil, a pintura verdadeira de um fato real; aquele que quiser ver um belo quadro onde em traços de mestre se retrata um vigoroso talento, onde cintila o colorido brilhante do espírito; esse, ao ouvir *A Dama das Camélias* se dará por satisfeito e repetirá conosco que esta é talvez a mais bela produção de Alexandre Dumas Filho. (*Diário do Rio de Janeiro*, 7 fev. 1856, p. 2)

A primeira crítica de *A Dama das Camélias* na imprensa do Rio de Janeiro cumpriu dois papéis específicos: o primeiro, de um guia, recomendando a peça a todos os membros de uma família; o segundo, de publicidade da estreia do drama, já que a peça, tão bem avaliada e com o aval de um crítico sério e de confiança, que escrevia textos de política, ciência e literatura, atrairia os espectadores ao teatro. Nos dois últimos parágrafos do artigo, Sousa Ferreira convidou, explicitamente, as famílias para assistirem ao drama, o qual lhes ensinaria uma grande lição de virtude moral.

Ide ouvir *A Dama das Camélias*, vós moços tresloucados, que nos saraus suntuosos murmurais ao ouvido de crédulas donzelas mentidas frases de amor; vós velhos sensuais, que abris as bolsas cheias de ouro aos olhos ávidos da pobreza bela e ainda honesta, cuja imaginação escaldais com o quadro prestigioso do luxo e da elegância; vós inocentes virgens, que esqueceis os conselhos maternos ao som da voz sedutora do amante; vós, esposas, que não podendo encontrar, no homem a quem vos ligou a força da obediência, esse amor que sonhastes, olvidais num momento de delírio o juramento dado ante os altares de Deus! Ide ouvir *A Dama das Camélias*, e talvez contemplando no fundo do abismo, sobre cuja honra perdeis, essa luta horrível, esse tormento sem nome da mísera Margarida, talvez o horror vos faça recuar até o seio da família e da virtude. (*Diário do Rio de Janeiro*, 7 fev. 1856, p. 2)

Na coluna “Theatros” do *Correio Mercantil*, em 9 de fevereiro de 1856, um cronista anônimo avaliou a estreia de *A Dama das Camélias*. O critério de avaliação adotado foi a construção estilística da peça. A princípio, o crítico estabeleceu uma diferença entre o drama de Dumas Filho e os dramas românticos, que eram encenados nos teatros do Rio de Janeiro naquele momento: diferente destes, que colocavam em combate, de um lado, uma personagem que representava o bem, e de outro, uma que representava o mal, *A Dama das Camélias* exibia em cena a luta entre o bem e o mal em uma mesma alma, o que seria, na visão do cronista, mais natural e verdadeiro.

Colocar de um lado a virtude, pura, imaculada, e do outro o vício torpe e incorrigível, é já fugir da naturalidade, que raramente se acomoda com semelhantes contrastes. Isolar os dois princípios em duas entidades distintas é já uma exageração que se tolera por complacência literária. Mas mostrar os dois elementos reunidos como naturalmente estão num mesmo ente, e da sua luta fazer derivar a perfeição, é abrir campo às mais doces consolações, é fortalecer a crença no poder dos bons instintos e na essência de virtude que em nós predomina. (*Correio Mercantil*, 9 fev. 1856, p. 2)

O crítico descreveu a trajetória de *A Dama das Camélias* no Rio de Janeiro: “O romance e a partitura eram já entre nós muito conhecidos. Agora aparece o drama”. E trouxe a principal questão do drama para a sociedade brasileira, ao afirmar que “aqui, no nosso mundo, não se conhece o gênero de mulheres de que ela [Marie Duplessis] era tipo” (*Correio Mercantil*, 9 fev. 1856, p. 2). Ao final de seu texto, afirmou que objetivava atrair o interesse público pela peça. Neste caso, podemos visualizar a função do crítico, aconselhando, de forma bem discreta, os espectadores.

Um elemento que ocupou grande espaço nessa crítica do *Correio Mercantil* foi a referência à história de vida de Marie Duplessis, cortesã que teria sido a fonte da obra de Dumas Filho, e que, devido a isso, garantiria o sucesso da peça na capital francesa: “Paris inteiro aplaudiu a história figurada de Maria Duplessis, que todos conheciam.” Notamos que os críticos fluminenses mencionaram, em seus artigos sobre *A Dama das Camélias*, que a história era baseada em fatos reais, vividos por Dumas Filho ao lado de Marie Duplessis. O eco dessa informação indica que os críticos do Rio de Janeiro estavam a par do debate divulgado pelos folhetins dramáticos dos jornais parisienses, os quais destacaram o fato de Dumas Filho ter vivido um

relacionamento, na vida real, com a cortesã Marie Duplessis. A história foi narrada por Théophile Gautier em seu folhetim no periódico *La Presse*, em 10 de fevereiro de 1852, e por Ch. Matharel de Fiennes no *Le Siècle*, em 9 de fevereiro de 1852.

Acreditamos também que o artigo “Marie Duplessis ou La Dame aux Camélias”, de Dumas Pai, publicado em seu periódico *Le Mousquetaire*, em primeiro de abril de 1855, pode ter contribuído para a difusão da história de Marie Duplessis no Rio de Janeiro. Esse texto foi mencionado pelo correspondente do *Correio Mercantil* em Paris, em sua correspondência de 12 de maio de 1855. Ademais, o artigo de Dumas Pai foi traduzido por L. A. e publicado em sua coluna dominical, “Livro do Domingo”, no *Diário do Rio de Janeiro*, em 30 de dezembro de 1855. L. A. não mencionou em sua rubrica que se tratava de um texto de autoria de Dumas Pai, publicado em *Le Mousquetaire*. Chegamos a essa conclusão a partir do cotejo dos dois escritos.

Essa hipótese, acerca da circulação, tradução e leitura dos folhetins dramáticos parisienses, acessíveis aos críticos teatrais do Rio de Janeiro, viria a corroborar a tese maior de circulação transatlântica dos impressos no século XIX. Não seria absurdo pensar que Sousa Ferreira, e os outros críticos que escreveram sobre a estreia de *A Dama das Camélias* na Corte brasileira, tenham lido os folhetins dramáticos de Théophile Gautier, Jules Janin e Ch. de Fiennes, que redigiram artigos sobre a estreia de *La Dame aux Camélias* em Paris.

Em 10 de fevereiro de 1856, adotando o critério moral, o crítico M. redigiu suas impressões sobre *A Dama das Camélias*, em seu folhetim literário “Páginas Menores”, publicado todos os domingos na primeira página do *Correio Mercantil*. Para o crítico, a “defesa da mulher perdida” por Dumas Filho deveria ser encarada com cautela:

Não se deve tomar muito ao pé da letra essa brilhante defesa da mulher perdida por um escritor notável. Essas reabilitações do vício pelo amor não são comuns e muitas vezes quando se tentam, trazem para o que as empreende bem cruéis desenganos. A alma não readquire facilmente sua primitiva pureza, nem o coração do homem se presta com entusiasmo a um desses amores profundos e duradouros quando o ídolo de seus cultos não o é também o de muitos outros homens ou não tem já a nativa inocência. O vício é como o frio, esteriliza sem fecundar. São precisas muitas lágrimas de arrependimento para que reverdeçam no peito as flores da candura e da virtude. (*Correio Mercantil*, 10 fev. 1856, p. 1)

No mesmo dia, Joaquim Manuel de Macedo, em seu folheto “A Semana”, publicado, todo domingo, no rodapé da primeira página do *Jornal do Commercio*, fez publicidade à montagem do drama.

Vou ver *A Dama das Camélias*, que teve quinta-feira passada as honras da cena pela primeira vez, e que agradou muito ao público, que pagou os esforços da empresa e da companhia daquele bom teatrinho com aplausos bem merecidos. O Ginásio vai sempre progredindo, e continuará a progredir com grande proveito [...]. No Ginásio já se tem feito bastante, toda a animação portanto lhe é devida; mas também ainda muito resta a fazer, muito a aprender. Vou ao Ginásio, como disse, e tenho a honra de convidar aos meus leitores para irem comigo ver *A Dama das Camélias*. É um convite muito sem cerimônia, porque cada um irá à sua custa. (*Jornal do Commercio*, 10 fev. 1856, p. 1)

No artigo publicado na coluna “Folhas Soltas”, do *Diário do Rio de Janeiro*, em 13 de fevereiro de 1856, o crítico, assinado pela inicial V., baseou-se na poética romântica como elemento central para avaliar a construção da personagem Marguerite Gautier. Em sua análise, notamos uma apropriação da ideia do belo e do grotesco, apresentada por Victor Hugo no prefácio de *Cromwell* (1827). V. descobriu poesia na enfermidade da protagonista.

A formosura pouco seria, se não existisse a deformidade. São dois atributos que se necessitam mutuamente, que não podem brilhar um sem outro, que só realçam pelo reflexo recíproco. [...] A enfermidade, que é a aberração da natureza, o enfraquecimento da vida, o cansaço da existência, não tem tanta poesia no mundo das ilusões? [...] A tísica é a enfermidade poética, é o sorver até o último gole o fluido da existência, é o voltar com a própria mão a última página do gozo e dos prazeres terrestres. [...] É que a tísica tem a poesia do romantismo, porque sente a última pulsação do coração, contemplando o amor que lhe esvoaçava em roda. É que a razão não desampara o espírito, a crença o cristão, o sonhar a realidade. Deus colhe a alma embebida de fé, absorta de sublimidade, sequiosa de verdade! (*Diário do Rio de Janeiro*, 13 fev. 1856, p. 2)

A moral também foi um elemento considerado pelo crítico, que encontrou a maior beleza do drama nos diálogos entre Marguerite Gautier e o senhor Duval: “Dumas foi aí o poeta e o filósofo, reconheceu o amor e a moral, os afetos do coração e os deveres do pai.” V. se referia às palavras da personagem Duval, no momento em que este pai expôs as obrigações morais e religiosas da família:

DUVAL: – [...] Esta relação, ou este casamento, que não teve nem a castidade por base, nem a religião por apoio, nem a família por resultado, esta coisa desculpável talvez no rapaz, o seria no homem maduro? Que ambição lhe seria permitida, que carreira lhe seria aberta, que consolação obteria eu de meu filho, após me ter sacrificado vinte anos para a sua felicidade? O amor de um pelo outro não é o fruto de duas simpatias puras, a união de duas afeições castas; é a paixão naquilo que ela tem de mais terreno e de mais humano, nascida do capricho de um e da fantasia do outro. (DUMAS FILS, 1852, p. 11)¹⁰

Assim como Sousa Ferreira, em sua crítica de 7 de fevereiro de 1856, V. interpretou a regeneração de Marguerite Gautier pela religião. Compreendemos o destaque que os críticos deram à religião na redenção de Marguerite Gautier quando consideramos o modo pelo qual eles entraram em contato com *A Dama das Camélias*. Primeiramente, os fluminenses leram o romance, que já trazia a importância da religião na absolvição da cortesã, pela comparação de Marguerite com Maria Madalena; em seguida, eles viram nos palcos a ópera *La Traviata*, em que a protagonista Violetta invoca o perdão de Deus em diversos momentos; somente então, conheceram a adaptação teatral. No capítulo três do romance, o narrador relembra as palavras de Jesus a Maria Madalena:

O cristianismo aqui está com sua maravilhosa parábola do filho pródigo para nos aconselhar a indulgência e o perdão. Jesus era pleno de amor para com essas almas feridas pelas paixões dos homens [...]. Assim, ele disse à Madalena: “Muito te será

10 No original: “DUVAL: – [...] Cette liaison, ou ce mariage, qui n’aura eu ni la chasteté pour base, ni la religion pour appui, ni la famille pour résultat, cette chose excusable peut-être chez le jeune homme, le sera-t-elle chez l’homme mûr? Quelle ambition lui sera permise, quelle carrière lui sera ouverte, quelle consolation tirerai-je de mon fils, après m’être sacrifié vingt ans pour son bonheur? Votre amour l’un pour l’autre n’est pas le fruit de deux sympathies pures, l’union de deux affections chastes; c’est la passion dans ce qu’elle a de plus terrestre et de plus humain, et elle est née du caprice de l’un et de la fantasia de l’autre.”

absolvido porque muito amaste”. (DUMAS FILS, 1848, p. 69-70)¹¹

Nas cenas finais de *La Traviata*, Violetta roga seu perdão a Deus e implora que ele a receba perto de si.

VIOLETA

Consolo, sustento da alma cansada

Ah, compadeça-te do desejo da transviada;

Perdoa-a;

Acolha-a, oh Deus,

Agora que tudo terminou. (VERDI; PIAVE, p. 31)¹²

O OLHAR DE UM FRANCÊS NO RIO DE JANEIRO

Em 2 de março de 1856, Adolphe Hubert publicou, em sua coluna “Théâtre” no *Courrier du Brésil*, uma crítica teatral sobre *A Dama das Camélias*. O crítico avaliou a obra de Dumas Filho, mas dedicou a maior parte de seu texto à análise da montagem da peça no Teatro Ginásio Dramático. Para avaliar o drama, Hubert utilizou como critério a moral. Nesse sentido, expôs ressalvas à obra, pois Dumas Filho teria criticado o egoísmo social sem ter apresentado um remédio contra esse mal.

Esta obra de Alexandre Dumas Filho [...] acusa visivelmente o egoísmo social, atrai sobre ele uma reprovação universal, todavia sem indicar o remédio: é então uma triste verdade encenada, pela qual as almas sensíveis sempre derrubam uma lágrima. (HUBERT, *Courrier du Brésil*, 2 mar. 1856, p. 4)¹³

Em seguida, Hubert passou à avaliação da representação oferecida pelo Teatro Ginásio Dramático. O crítico afirmou que, por conhecer os meios pelos quais uma obra era encenada na França, e por estar ciente de que se

11 No original: “Le christianisme est là avec sa merveilleuse parabole de l’enfant prodigue pour nous conseiller l’indulgence et le pardon. Jésus était plein d’amour pour ces âmes blessées par les passions des hommes [...]. Ainsi, il disait à Madeleine : ‘Il te sera beaucoup remis parce que tu as beaucoup aimé’”.

12 No original: “VIOLETTA / Conforto, sostegno dell’anima stanca / Ah, della traviata sorridi al desio; / A lei, deh, perdona; / Tu accoglila, o Dio, / Or tutto fini.”

13 No original: “Cette œuvre d’Alexandre Dumas fils [...] accuse visiblement l’egoïsme sociale, attire sur lui une réprobation universelle, sans toutefois indiquer le remède: c’est donc une triste vérité mise en actions, pour laquelle les âmes sensibles trouvent toujours une larme. »

tratava de uma peça que pertencia ao conjunto de costumes referentes ao povo francês, não poderia se apaixonar, como os brasileiros, pela encenação apresentada no Rio de Janeiro, a qual, a seu ver, era “pobre, grosseira” (*Courrier du Brésil*, 2 mar. 1856, p. 5):

Do ponto de vista da arte que atrai, da arte que seduz, que ganha face ao público a causa da expiação, o Ginásio Dramático possui poucos elementos de êxito. No entanto, esta opinião é apenas relativa, e se nós não conhecêssemos os meios adoráveis que, em França, fazem o sucesso de uma obra, pertencente aos costumes da França, poderíamos ter-nos apaixonado, como os brasileiros, pela representação de *A Dama das Camélias* realizada no Rio. (*Courrier du Brésil*, 2 mar. 1856, p. 4-5)¹⁴

O crítico não poupou advertências ao desempenho da atriz Gabriela da Cunha, que, em sua opinião, teria representado de modo frio, sem expressar adequadamente os sentimentos da personagem Marguerite Gautier. Hubert sugeriu à atriz brasileira que contratasse um professor, estudasse mais e melhorasse o figurino que apresentava:

A senhora Gabriela não possui tenras notas na voz, ela recita; [...] e também ela não tem em sua toailete esta brilhante e aristocrática prodigalidade que modera o sentimento do gosto; ela não possui enfim tudo o que incendeie um cérebro de vinte anos, que torture e destrua a alma de um filho, repleta, no entanto, de amor paterno. (HUBERT, *Courrier du Brésil*, 2 mar. 1856, p. 5)¹⁵

A severa crítica de Hubert pode ter motivado Sousa Ferreira a publicar um artigo, em 4 de março de 1856, em defesa da atuação de Gabriela da Cunha. Sousa Ferreira não explicitou as suas intenções, nem travou uma

14 No original: « Au point de vue de l'art qui attire, de l'art qui séduit, qui gagne vis-à-vis du public la cause de l'expiation, le Gymnase Dramatique possède peu d'éléments de réussite. Cependant, cette opinion n'est que relative, et si nous ne connaissions les moyens adorables qui, en France, font le succès d'un ouvrage, appartenant par les mœurs à la France, nous aurions pu, comme les brésiliens, nous passionner pour la représentation de *La Dame aux Camélias* donnée à Rio. »

15 No original: « Mme Gabriela n'a pas de tendres notes dans la voix, elle récite; [...] et ensuite elle n'a pas dans sa toilette cette éclatante et aristocratique prodigalité qui tempère le sentiment du goût; elle ne possède pas enfin tout ce qui enflamme un cerveau de vingt ans, qui torture et brise l'âme d'un fils, pleine cependant de l'amour paternel. »

polêmica direta com Hubert, mas, pela sua crítica de tom elogioso e com justificativas para os defeitos da montagem, ficou clara a sua defesa. Sousa Ferreira elogiou o desempenho de Gabriela da Cunha e afirmou que havia boa vontade da direção do teatro na montagem da peça:

Pode ser que a vossa concorrência seja um benefício para a artista que tão bem compreendeu a Margarida Gautier de Alex. Dumas Filho.

Na noite de 28 de fevereiro a Sra. Gabriela desempenhou ainda melhor do que anteriormente o papel de Margarida; sentimos verdadeiro prazer quando a nossa crítica só tem de registrar o bom desempenho de uma parte. A naturalidade da conversação, a verdade da paixão e do sofrimento, soube a Sra. Gabriela imitar a voz, no gesto e no semblante. Cumpre igualmente elogiar o bom gosto e a propriedade do seu traje. Se não fossem os ensaios do *Demi-Monde*, acreditamos que o seu papel estaria mais bem decorado, e que não viria o esquecimento de uma palavra destruir por uma ou duas vezes o efeito de uma cena. [...] Uma última observação: a disposição cênica e o adereço das salas comprovam quanto dissemos relativamente à boa vontade da direção do Ginásio. (*Diário do Rio de Janeiro*, 4 mar. 1856, p. 2)

MACHADO DE ASSIS E SUA ADMIRAÇÃO PELA ATRIZ GABRIELA DA CUNHA

Machado de Assis também integra o rol de críticos teatrais que se dedicaram à avaliação de *A Dama das Camélias*. Em seus artigos, na coluna teatral de *O Espelho*,¹⁶ demonstrou simpatia para com o Teatro Ginásio Dramático e louvou a capacidade artística da atriz Gabriela da Cunha. Foi essa a posição que Machado de Assis adotou em sua crítica ao drama *A Dama das Camélias*, publicada em 8 de janeiro de 1860, quando a peça já estava em cartaz havia quatro anos no palco do Teatro Ginásio Dramático.

Machado de Assis afirmou que, quando a obra surgiu, muitos não quiseram aceitar a ideia da reabilitação da “mulher perdida” pelo amor, a exemplo do dramaturgo Émile Augier, cuja peça *O Casamento de Olímpia* seria um protesto contra as ideias de Dumas Filho. No entanto, o crítico

16 *O Espelho*, periódico semanal impresso na Tipografia de Francisco de Paula Brito, teve vida efêmera, de apenas 19 números, publicados entre 4 de setembro de 1859 e 8 de janeiro de 1860. Os gêneros dos textos divulgados eram diversos, incluindo prosa ficcional, poesia, crônica da semana e crítica teatral.

defendeu o autor de *A Dama das Camélias*, pois Marguerite Gautier, assim como Maria Madalena e Eva, mostrava arrependimento, e isso seria moralmente positivo, já que expressava a ideia de salvação de uma alma que se perdia.

A Dama das Camélias é o drama realmente filosófico, verdadeiramente piedoso; resolve uma questão social, ao mesmo passo que se revela uma magnífica obra d'arte. É tocante aquela figura de Margarida, purificada como Eva, pelo arrependimento, cheia de amor e de piedade, martirizada pela doença, prostrada aos pés da sociedade, como Madalena aos pés do Cristo, mas que a sociedade repele e condena. (ASSIS, 2008, p. 213)

Por fim, Machado de Assis dedicou-se à análise da atuação dos artistas que desempenharam os papéis dos protagonistas da peça. Elogiou o desempenho da atriz Gabriela da Cunha, que sabia dosar adequadamente a expressão dos sentimentos:

Confesso, não me cansa nunca esse magnífico drama. Mas não me cansa com essa Margarida Gautier que a Sra. D. Gabriela nos sabe dar; frívola ao princípio, depois sentimental, depois apaixonada, resignada enfim no alto do seu amor, tendo percorrido a escala gradual desse sentimento lustral que a lava da culpa e lhe ergue uma coroa de flores em sua sepultura de tísica. (ASSIS, 2008, p. 214)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O drama *A Dama das Camélias* rapidamente cruzou o Atlântico e aportou no Rio de Janeiro: cinco meses após a sua estreia em Paris, uma tradução para o português foi submetida ao Conservatório Dramático Brasileiro. A tradução não chegou a ser montada em 1852. No ano seguinte, uma tradução do romance surgiu, publicada em série na coluna literária de *O Jornal das Senhoras*. O drama estreou em fevereiro de 1856 no Teatro Ginásio Dramático, dois meses após a estreia da ópera *La Traviata*, de Verdi, no Teatro Lírico Fluminense. Depois da montagem no palco do Teatro Ginásio Dramático, o drama foi analisado em diversas críticas teatrais, publicadas em rubricas literárias e de variedades, que apareciam na primeira ou segunda páginas dos periódicos, e nos folhetins dramáticos, publicados nos rodapés das duas primeiras páginas. *A Dama das Camélias* ocupou

grande espaço na imprensa fluminense, o que revela a importância da atividade teatral no cotidiano dos habitantes da capital do Império brasileiro, e também o grande interesse despertado pelo drama de Dumas Filho e sua principal intérprete no Rio de Janeiro, Gabriela da Cunha.

Grande parcela dos críticos, defensores da ideia de que o teatro era incumbido do papel de educar a sociedade e, por conseguinte, ensinar-lhe comportamentos moralmente aceitos, adotaram a moral como o critério de avaliação nas críticas que redigiram sobre *A Dama das Camélias*. Seus artigos valorizaram a nobre atitude tomada por Marguerite Gautier ao atender o pedido do senhor Duval, que personificava os valores familiares.

A verossimilhança externa foi outro critério adotado para a análise do drama e que lhe conferiu grande interesse, pois seu enredo seria baseado na história real de Marie Duplessis. A quase totalidade das críticas tratou dessa cortesã parisiense, o que nos revela que os críticos do Rio de Janeiro estavam em sintonia com a repercussão de *A Dama das Camélias* na imprensa parisiense. Um dos críticos do *Correio Mercantil* afirmou que muitas pessoas do Rio de Janeiro tiveram a oportunidade de conhecer Marie Duplessis em Paris.

No Rio de Janeiro há muitas pessoas que estiveram em Paris em 1835 e 1836 e que conheceram Maria Duplessis, a heroína que serviu de tipo a Dumas Filho, que a pôs em cena com o nome de Margarida Gautier. (*Correio Mercantil*, 14 dez. 1855, p. 1)

De modo geral, as críticas teatrais que trataram de *A Dama das Camélias* desempenharam dois papéis principais: o primeiro, de um guia ao leitor, preparando-o para o espetáculo, com análises do enredo e da personagem principal; o segundo, de propaganda da peça, convidando os leitores para irem ao teatro prestigiar as representações do drama, protagonizado pela atriz Gabriela da Cunha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *Machado de Assis: do teatro*. Org., estabelecimento de texto, int. e notas de João Roberto Faria. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BARA, Olivier. Julien-Louis Geoffroy et la naissance du feuilleton dramatique. *Orages*, Paris, n. 7, p. 163-172, Mars 2008.

CANELAS, Letícia Gregório. O *Corrier du Brésil* e o conflito entre Associações Francesas no Rio de Janeiro. In: VIDAL, Laurent; LUCA, Tania Regina de (org.). *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 289-318.

DUMAS FILS, Alexandre. *A Dama das Camélias*. Paris: Alexandre Cadot, 1848.

_____. *La Dame aux Camélias*. Paris: Dondey-Dupré, 1852.

FARIA, João Roberto. *O Teatro Realista no Brasil: 1855-1865*. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1993.

GENGEMBRE, Gérard. *Le Théâtre Français au 19^e Siècle (1789-1900)*. Paris: Armand Colin, 1999.

PRADO, Décio de Almeida. *João Caetano: o ator, o empresário, o repertório*. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1972.

SGARD, Jean. La multiplication des périodiques. In: CHARTIER, Roger & MARTIN, Henri-Jean. *Histoire de L'Édition Française*. Paris: Fayard & Promodis, 1990, v. 2, p. 246-255.

VERDI, Giuseppe; PIAVE, Francesco Maria. *La Traviata: libreto*. Disponível em: <<http://ebookbrowse.net/verdi-libreto-de-la-traviata-pdf-d63656001>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

Data de recebimento: 15 mar. 2014.

Data de aprovação: 30 maio 2014.